

DO DISCURSO CITADO À CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS: A REFORMULAÇÃO BAKHTINIANA DE UMA NOÇÃO GRAMATICAL

Dóris de Arruda C. da Cunha
(UFPE/CNPq)

RESUMO

Neste artigo, fazemos uma síntese, sem pretensão de exaustividade, dos estudos sobre o discurso citado, evidenciando como a teoria bakhtiniana abriu o caminho para a reformulação de uma noção gramatical e para um campo de pesquisa, apenas vislumbrado no fim dos anos setenta pela lingüística francesa da enunciação. Neste momento, alguns trabalhos sobre o ensino de línguas definem o discurso direto, uma suposta retomada da forma literal do discurso original, como uma retomada de outra enunciação. Nos últimos trinta anos, a literatura consagrada ao tema analisou as relações formais, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas entre dois discursos. Ora, partindo do princípio dialógico da linguagem, todo discurso citante pode tornar-se discurso citado, num fenômeno telescópico de encaixes sucessivos. Decorrem daí os casos de condensação, dispersão, reacentuação do semantismo e do posicionamento dos enunciadores. A análise de um corpus, constituído de uma denúncia publicada em revista de circulação nacional e de artigos de jornais que retomam a denúncia, ilustra os avanços teóricos da proposta bakhtiniana. Mostra os discursos como circulantes e o discurso citado como fenômeno relacional e aponta para novas possibilidades de se trabalhar no ensino com fenômenos de circulação dos discursos, passando pelos esquemas de transmissão, discurso direto, indireto e indireto livre.

PALAVRAS-CHAVE: discurso citado; circulação dos discursos; postulados bakhtinianos

Introdução

O *discurso citado* é uma das manifestações mais evidentes da *alteridade*, conceito que remete a outros campos do saber, mais especificamente ao da reflexão filosófica desde o século XVIII (FARACO, 2005). No entanto, neste artigo, a alteridade será tratada na perspectiva bakhtiniana¹. Para Bakhtin, o homem não existe fora da relação com o outro, que se dá por meio da linguagem, constitutivamente dialógica. O *outro* é parte constitutiva do ser, impõe sua alteridade irreduzível sobre o *eu*, na medida em que tudo que determina inicialmente o ser e seu próprio corpo, ele recebe da boca do outro num processo contínuo e ininterrupto de interação:

a criança começa a ver-se pela primeira vez como que pelos olhos da mãe e começa a falar de si mesma nos tons volitivo-emocionais dela, como que se acarícia com sua primeira auto-enunciação; desse modo, ela aplica a si e aos membros do seu corpo os hipocorísticos no devido tom: ‘minha cabecinha, minha mãozinha, minha perninha’, neném quer naninha’, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 46).

É, portanto, a linguagem o principal meio de presença da alteridade e da palavra do outro dentro do sujeito, que é ele mesmo diálogo, relação eu-outro. Por isso, a questão da palavra alheia assume um caráter tão central no pensamento bakhtiniano:

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos) (BAKHTIN, 2003, p. 379).

Bakhtin (1993; 1997; 2003) e Bakhtin/Voloshinov (1995) desvinculam o discurso do outro da análise dos “fatos da língua”. Não opõem « *langue* » e « *parole* », mas buscam continuamente a dinâmica entre discurso próprio e discurso do outro, na qual estão incluídas a posição do terceiro e a finalidade do enunciado. Colocam no centro do estudo “técnico”, como veremos mais adiante, não formas e estruturas da língua, mas a questão do discurso do outro e o confronto de vozes e sujeitos. Para eles, pensar, falar, ou escrever são processos contínuos de

assimilação e reacentuação da palavra alheia. Em outras palavras, o discurso citado é compreendido como fenômeno dialógico por meio do qual os sujeitos desconstruem o discurso alheio e constroem o próprio para se posicionar em relação a um conteúdo ou temática, ao outro, a ele mesmo, ao seu próprio discurso.

O discurso citado interessa, historicamente, à gramática, estilística, retórica, lingüística e teoria da literatura. No entanto, afirma Bakhtin, “o complexo acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro tem sido quase totalmente ignorado pelas respectivas ciências humanas”. (BAKHTIN, 2003, p. 380).

O discurso citado suscita, sobretudo, reminiscências gramaticais, incluindo aí os exercícios escolares ainda presentes nos livros didáticos de português (CUNHA, 2001), voltados para (i) a percepção pela criança das vozes na narrativa - do narrador e das personagens; (ii) a colocação da pontuação para separar as falas das personagens: dois pontos e travessão ou aspas²; (iii) os exercícios de transformação do discurso direto (DD) para o discurso indireto (DI), visando à fixação de uma combinatória morfossintática desses modos de transmissão do discurso de acordo com a tradição gramatical³, habituando os alunos a manipular as formas da língua e não a interpretar os sentidos desses discursos no texto. Essa prática trata as formas de citação como se fossem de uso estritamente literário e reduz o discurso citado às marcas tipográficas e às transformações morfossintáticas do discurso direto em discurso indireto, através de procedimentos puramente gramaticais. Dessa forma, não leva os alunos a observar efeitos de sentido produzidos pela inscrição do outro no discurso.

Foi a teoria bakhtiniana⁴ que abriu o caminho para a reformulação da noção gramatical de discurso citado e para um campo de pesquisa, apenas vislumbrado no fim dos anos setenta, quando alguns trabalhos sobre o ensino de línguas (GAUVENET, 1976, AUTHIER, 1977) começam a tratar o discurso direto como uma retomada de outra enunciação e não uma transmissão desinteressada de uma forma.

Na primeira parte deste artigo, faremos uma síntese das abordagens do discurso citado, para mostrar que a teoria proposta por Bakhtin e Voloshinov constitui uma “revolução teórica” (nos termos de François, 2006). Em seguida, examinamos alguns exemplos de um corpus constituído de 35 textos publicados na imprensa, a partir de uma denúncia publicada na revista *VEJA*, “Campanha de Lula recebeu dinheiro de

Cuba”, (p. 47-53), datada do dia 02/11/2006 (distribuída às bancas de jornal cinco dias antes) Os textos de diferentes gêneros foram coletados no *Jornal do Commercio* (de Pernambuco), *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, no período de 30 de outubro a 02 de novembro.

1. Breve história das teorias do discurso citado

Historicamente o discurso citado foi objeto da narratologia e da retórica antiga, antes de ser considerado um problema gramatical. Platão propôs uma classificação dos gêneros literários segundo a utilização ou não da imitação. Uma narrativa no modo simples – diegese – relata em discurso indireto; no modo imitativo – mimese – a narrativa relata em discurso direto. Posteriormente, os latinos usam as expressões *oratio recta* em oposição à *oratio obliqua*, em thesaurus que revelam a pertença dos termos à retórica e não ao domínio gramatical (ROSIER, 1999). Ligadas às noções de verdade e falsidade, as teorias antigas se limitaram aos aspectos formais dos DD e DI, sendo o DD considerado reprodução fiel das palavras do outro, e o DI sujeito a modificações devido ao processo de tradução, uma vez que se trata da paráfrase do conteúdo semântico de outro discurso.

Só a partir do século XVII é que a gramática integra o discurso citado em forma de dicotomia – *discurso direto/discurso indireto*. A partir do século XVIII, a ênfase é dada à tipografia e à inserção dos diálogos em discurso direto na narração (ROSIER, 1999). A atenção se volta para os procedimentos gramaticais necessários à transposição de fragmentos em estilo direto para o estilo indireto, sem a observação das modificações estilísticas correspondentes. O importante é a mudança dos dêiticos e dos tempos verbais. O discurso direto aparece também ligado às regras de pontuação, uma vez que a categorização do período em termos sintáticos é problemática (complemento de uma proposição? Parataxe? Subordinada assindética?). A gramática limita-se à descrição comparativa dos dois tipos de enunciado, sendo o discurso indireto segundo em relação ao direto, ou seja, ele só existe porque existe o primeiro. Essa visão decorre do caráter normativo da gramática. No entanto, a crítica a essa concepção não é nova: no início do século XX, Brunot criticava a norma relativa à concordância verbal exigida porque não se levava em consideração o sentido. Além de muitos estudos já terem enfatizado que o discurso citado não

poderia ser limitado ao nível da sintaxe da frase.

O discurso indireto livre começa a ser estudado pelos gramáticos no final do século XIX. A discussão consistia em saber se essa forma pertencia ou não à gramática e à tipologia discurso direto e indireto. Alguns lingüistas no início do século XX observam que o discurso indireto livre é encontrado em geral em longos textos narrativos. É nesse contexto que as duas formas isoladas pela gramática (DD e DI) passam então para o discurso lingüístico.

Os primeiros estudos enunciativos⁵ revelam uma ambivalência dos DD e DI entre gramática e estilo. Como mostra Rosier (1999), Damourette et Pinchon percebem um funcionamento enunciativo particular do discurso citado, mas não vão além da abordagem retórica das formas de DD e DI. Bally (1912) volta-se para os três estilos (diferentemente dos gramáticos que descreviam as duas formas, DD e DI) e abre o leque para outras formas como *de acordo com*, classificando os três primeiros como discurso reportado objetivo em oposição a retomada subjetiva (casos em que o enunciador posiciona-se em relação ao que ele cita). Bally critica as abordagens gramaticais restritas à descrição dos modos, tempos conjunções e preposições, observando as retomadas do ponto de vista do sujeito que pensa ou fala e do que reproduz as palavras ou pensamentos. Guillaume (*apud* ROSIER, 1999) aborda o discurso citado do ponto de vista da organização de um sistema temporal, especialmente do funcionamento do imperfeito no estilo indireto livre. Como os autores citados acima, Guillaume coloca a pessoa em relação com as formas de citação, o que constitui um avanço em relação às teorias gramaticais.

A segunda lingüística da enunciação, que se desenvolve na França a partir dos escritos de Benveniste (JOLY, 1987, *apud* ROSIER, 1999), questiona a dicotomia de Saussure *langue/parole* e teoriza sobre a enunciação por ele definida como apropriação da língua pelo sujeito. Investiga os pontos de ancoragem do sujeito no tecido textual, por meio dos pronomes pessoais, demonstrativos, formas temporais, dêiticos, modalizadores, e o discurso reportado – fenômeno central para o estudo das instâncias enunciativas.

Até os anos setenta, entretanto, predominaram no estudo do discurso citado as abordagens gramaticais (incluindo a gerativa). No campo do ensino de línguas, os trabalhos apontam para a análise das condições de produção do enunciado inicial; da finalidade do relato do

enunciado do outro; da situação de comunicação do relato; do próprio enunciado quanto às transformações morfossintáticas e às mudanças semânticas, pelo fato de ser retomado em outro contexto.

Authier (1978) estuda inicialmente o discurso citado no quadro da teoria gerativa, mas dá um salto da abordagem sintática para a enunciativa. Antecipa estudos posteriores mostrando o discurso indireto como o resultado da “análise” do sentido do enunciado no seu contexto de enunciação e da “tomada de posição sobre um ato de fala”. Nesse percurso histórico, constatamos outro avanço em Maingueneau (1981) que trata as formas de discurso citado na perspectiva enunciativa e outras formas de introdução da alteridade no texto, como o emprego de aspas e do futuro do pretérito.

Graças às traduções da obra de Bakhtin e Bakhtin/Volochinov, muitos estudos sobre discurso citado na perspectiva enunciativa ou dialógica (GARDIN, 1976; AUTHIER-REVUZ, 1982; CUNHA, 1992; ROSIER, 1999, entre outros) privilegiaram a interação entre os discursos e não mais as formas de citação. Nessa perspectiva, não se trata mais de considerar o texto como objeto homogêneo produzido por um sujeito também homogêneo, mas enquanto objeto heterogêneo, primeiro no nível enunciativo, como as manifestações de uma diversidade de fontes comprovam, em seguida, no nível constitutivo, enquanto produto de um sujeito também heterogêneo. Retomamos, brevemente, a seguir, alguns postulados da teoria bakhtiniana.

2. A “revolução teórica” bakhtiniana

Nos últimos 30 anos, foram escritos numerosos artigos e livros e realizados colóquios sobre o pensamento de Bakhtin e seu Círculo. Contudo, faz-se necessário retomar alguns pontos para ilustrar o nosso propósito. Na terceira parte do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o discurso citado é considerado um problema de sintaxe específico, que a lingüística não era capaz de dar conta, por ter elaborado apenas categorias de análise fonéticas e morfológicas. Como as formas sintáticas de representação da palavra alheia são as que mais se aproximam das formas de enunciação concreta, o estudo das formas da comunicação verbal e das formas correspondentes de enunciação (“*terra incógnita* para o lingüista”) poderiam resolver os problemas deste nível de análise. Com esse novo olhar sobre o discurso citado, o problema é reformulado a partir de novas questões de pesquisa: como se

apreende o discurso de outrem? Como se dá o processo de recepção vivido pelo discurso interior? Qual a influência do discurso alheio no discurso posterior do receptor? O discurso citado é definido como *discurso no discurso, enunciação na enunciação*, mas, é ao mesmo tempo, *discurso sobre o discurso, enunciação sobre enunciação*. Trata-se de uma proposta de abordagem global do discurso citado, do qual não se pode escapar: falamos com a palavra de outros em graus e formas as mais diversas, que vão da repetição à alusão, passando por todos os tipos de paráfrase e reelaboração da palavra, do ato de fala, do conteúdo, da entoação expressiva, etc.

Essa diversidade resulta do processo de compreensão responsiva, expressa no contexto narrativo que introduz o discurso citado, da finalidade da transmissão e do destinatário para quem o discurso do outro é elaborado. Dessa forma, é a *inter-relação dinâmica entre o contexto narrativo e o discurso citado* o lugar de observação do diálogo e da manipulação da palavra alheia. Vemos aqui claramente a renovação da problemática: do estudo das formas morfossintáticas de citação para a interação entre duas enunciações. Além disso, alguns postulados básicos ilustram a reformulação da noção gramatical proposta por esses autores:

- Não se trata de formas, mas de **esquemas** de transmissão do discurso citado e de **variantes** dos esquemas de base, que “refletem tendências básicas e constantes da *recepção ativa do discurso de outrem*” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995, p. 146).
- Há uma correlação entre os gêneros de discurso e as formas de transmissão: o **discurso retórico (político ou judiciário)** apresenta o discurso de outrem no interior de fronteiras claras, sobretudo quando o discurso de outrem provém do alto numa escala hierárquica. Em contextos epistemológicos ou retóricos - **discurso científico, filosófico, político**, etc.- é utilizada a variante *discurso indireto analisador do conteúdo*, que retém o conteúdo temático e separa os discursos citante e citado. O **discurso literário** trata livremente o discurso de outrem, transmitindo finamente as transformações na inter-orientação sócio-verbal.
- Há sempre uma **posição do locutor** em relação ao discurso do outro que se manifesta nas descrições dos elementos constitutivos da situação enunciativa, nos comentários prévios ao discurso citado, nas reacentuações, na escolha do vocabulário, etc.

Esse salto das formas estáticas para esquemas dialógicos não constitui apenas uma mudança de etiqueta. Os autores colocam o contraste e a mistura de vozes, de visões de mundo e de perspectivas de uma mesma realidade, no centro do estudo da linguagem e do diálogo. No contato de duas enunciações, de dois sujeitos enunciando, constroem-se índices, indícios que referem ao status sócio-ideológico da linguagem.

O tema da interação com o discurso alheio é retomado por Bakhtin (1993; 1997), que mostra a sua relevância para na vida da linguagem: “no discurso cotidiano de qualquer pessoa que vive em sociedade (em média), pelo menos a metade de todas as palavras são de outrem” (BAKHTIN, 1993, p.140), transmitidas por meio de procedimentos os mais variados,

tanto no que concerne à formação literário-estilística do discurso alheio como no que concerne aos procedimentos de enquadramento interpretativo, de sua reconsideração e de sua reacentuação – desde a literalidade direta na transmissão até a deformação paródica premeditada da palavra de outrem e sua deturpação (BAKHTIN, 1993, p. 140).

A análise do romance humorístico inglês, centrada na evocação paródica das linguagens socialmente estratificadas, escritas e faladas, desvela as diversas formas de introdução da fala de outrem no discurso do autor⁶, *sob a forma dissimulada*, sem nenhuma indicação da pertença a outrem; e em *construções híbridas* (pertence a um falante, mas carrega dois tons e dois estilos numa mesma construção) (BAKHTIN, 1993). Essas relações dialógicas entre os enunciados são relações tensas, pois enunciar é tomar posição frente a outras posições, é responder, pôr-se em relação com os enunciados e vozes sociais estrangeiras.

A descrição da estilização paródica feita por Bakhtin mostra a complexidade do fenômeno da circulação dos discursos. Trata-se do discurso de outrem, da linguagem de outrem no discurso do autor, de modo que não são linguagens que saem da boca das personagens em discurso direto. Bakhtin analisa apagamento de fronteiras entre o discurso do autor e o de outrem, hibridização, mistura de acentos, na escrita de Turguêniev. E constata:

com apenas três modelos sintáticos de transmissão (discurso direto, discurso indireto e discurso direto impessoal), com as diferentes com-

binhões desses modelos e com os diversos procedimentos da sua réplica de enquadramento e estratificação por meio do contexto do autor, realiza-se o jogo múltiplo dos discursos, seu entrelaçamento e seu contágio recíproco. (BAKHTIN, 1993, p. 123).

Com essa concepção dialógica de linguagem, Bakhtin (1997) aponta a necessidade de se estudar os tipos e graus de *alteridade* da palavra alheia e das diferentes formas de relação com ela (estilização, paródia, polêmica, etc.), dos diversos meios da sua exclusão da vida do discurso.

Bakhtin destaca outro aspecto fundamental da vida da linguagem, na análise do romance de Dostoievski: “um determinado conjunto de idéias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente” (BAKHTIN, 1997, p.271). Na realidade, a passagem do tema por muitas e diferentes vozes é a característica fundamental da comunicação humana. Encontramos na mídia, constituída de discursos sobre discursos e sobre eventos, um lugar privilegiado para a reflexão teórica sobre a recepção ativa e a circulação dos discursos.

3. Exemplos da “circulação dos discursos” na mídia

A reportagem da VEJA *Campanha de Lula recebeu dinheiro de Cuba*, foi retomada em formas e graus diversos durante alguns dias seguidos. No dia seguinte à denúncia, três jornais publicaram cinco notícias retomando as informações: *Jornal do Commercio* (1), *Folha de São Paulo* (2), *O Estado de São Paulo* (2). O que ocorre nessas retomadas? São notícias, ou seja, gêneros com “enunciação objetivada” (MOIRAND, 1999), nas quais temos o relato distanciado com retomada dos principais trechos em discurso indireto⁷.

O JC publicou a reportagem da revista semanal, de forma condensada, numa notícia na página 2 (denominada *capa 2* pelo jornal): VEJA diz que PT recebeu dinheiro de Cuba em 2002.

A notícia é construída em discurso indireto, desde o título, com verbos no futuro do pretérito. Suprime adjetivos e advérbios intensificadores dos trechos retomados, de modo a dar um caráter de objetividade e sobriedade à informação veiculada. No entanto, omite que o valor do dinheiro, supostamente trazido de Cuba, pode ter sido 3 ou 1, 4 milhões de dólares:

De acordo com a revista, a campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 2002, teria recebido US\$ 3 milhões, de forma ilegal, vindos de Cuba. O dinheiro teria sido incorporado ao ‘caixa 2’ da campanha petista, já sob investigação no Congresso Nacional (JC 30/10/05 p. 2).

E usa o pretérito perfeito para dar uma informação ainda não confirmada, cujo efeito é dar como certo o transporte das caixas:

Mas a informação foi confirmada à revista pelo motorista Eustáquio Soares de Melo, que hoje trabalha no Ministério da Fazenda e transportou as tais “caixas” (JC 30/10/05 p. 2).

A notícia publicada pela *FSP* intitula-se **PT é acusado de receber dinheiro de Cuba**. Na chamada localizada acima do título, com caracteres menores, lê-se **Campanha de 2002 foi destinatária de até US\$ 3 milhões da ilha de Fidel, segundo ‘VEJA’; oposição fala em cassar registro do partido**.

O texto é construído num formato semelhante ao do *JC*: discurso indireto, verbos no futuro do pretérito, emprego da expressão *suposta operação*. Entretanto, o parágrafo inicial começa com um enunciado contendo a forma perfectiva **recebeu**, que apresenta o episódio como fato concreto:

A campanha para eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu US\$ 3 milhões ou US\$ 1,4 milhões em doações clandestinas provenientes de Cuba (FSP 30/10/05 p. A 8)

Só no período seguinte indica que “as informações foram publicadas ontem pela revista ‘VEJA’ que ouviu testemunhas de participantes da suposta operação”. Cerca de metade da notícia da *FSP* é constituída pelos comentários de dois adversários políticos do governo.

O *ESP* intitulou a notícia **Cuba enviou US\$ 3 milhões para campanha de Lula, afirma revista**, manchete de cunho sensacional, que topicaliza Cuba, pospondo o discurso atributivo (afirma VEJA) e omite outro possível valor veiculado pela revista – o de US\$ 1,4 milhões.

Como a notícia da *FSP*, a do *ESP* emprega a forma perfectiva **enviou**, embora o discurso atributivo – **afirma a revista** – aponte o dono da voz. No corpo da notícia, a jornalista emprega o futuro do pretérito, proporcionando um efeito de distanciamento, necessário para

se eximir de responder judicialmente pelas denúncias. Enfatiza, inicialmente, o maior dos supostos valores, e converte-o para a moeda brasileira, de modo que leitor tenha um valor mais preciso:

De acordo com a revista, US\$ 3 milhões – cerca de R\$ 6,78 milhões – *teriam alimentado* o caixa 2 do partido entre agosto e setembro de 2002 (*ESP*, 30/10/05 p. A 4).

A posição do jornal também é visível quando *O ESP* enuncia que os responsáveis pelo transporte do dinheiro teriam sido ex-assessores de Palocci, não especificando o grau da possível participação dos supostos envolvidos:

A reportagem *conta que* os responsáveis pelo transporte do dinheiro, que teria chegado ao comitê de Lula em três caixas de bebida, são ex-assessores do ministro da Fazenda, Antônio Palocci, quando ele ocupou a prefeitura de Ribeirão Preto (*ESP*, 30/10/05 p. A 4).

O discurso da revista VEJA cria dialogicamente novos discursos como os da oposição e os dos aliados, o que significa novos acontecimentos na vida política. No mesmo dia em que publicaram as notícias acima citada, a *FSP* ouviu o dirigente do partido e o *ESP*, *um integrante do governo*. As duas notícias aparecem na mesma página:

Acusação é falsa, afirma Berzoini

O presidente nacional do PT, Ricardo Berzoini, disse ser falsa a notícia de que o partido recebeu dinheiro de Cuba para financiar a campanha do então candidato Luiz Inácio Lula da Silva. (*FSP* 30/10/05 p. A 8)

Gilberto Carvalho diz que denúncia é absurda

“Integrantes do governo rejeçaram ontem as denúncias de que a campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva **tenha** recebido dinheiro de Cuba, como informa a reportagem da revista *Veja* desta semana.” (*ESP*, 30/10/ 2005, A4).

Nos dias subsequentes, a tendência é de se fazer menção ao discurso da VEJA e não mais citá-lo, uma vez vista que as notícias passam a ser respostas aos discursos-respostas ou artigos de opinião com a análise da denúncia, numa cadeia dialógica ininterrupta:

A denúncia de que dinheiro de Cuba financiou a campanha do PT em 2002 é verossímil, embora muita coisa não faça sentido na reportagem. Não faz sentido, por exemplo, que o então coordenador da campanha presidencial fosse pedir conselhos a seu ex-assessor Rogério Buratti sobre como internar os milhões de dólares que Cuba estaria colocando à disposição do PT. (Ouro de tolo, *O Globo*, 1º/11/2005, p. 4, Merval Pereira).

No artigo de opinião, há várias menções aos temas da denúncia e aos que lhe sucederam de modo que temos retomadas de retomadas numa cadeia em que há vários planos de enunciação.

As análises mostram que os textos veiculados nos 2 dias seguintes à reportagem, não apresentam diferenças significativas do ponto de vista dos procedimentos de retomada do discurso da revista. Nos dois dias, os jornais ora se distanciam, ora se apropriam do discurso atribuído a outrem no mesmo texto. O distanciamento é produzido pelo uso do discurso indireto, de formas verbais do futuro do pretérito do indicativo, de passivas, de nominalizações; a apropriação ou a conivência com o posicionamento ideológico da VEJA é obtida mediante topicalizações, emprego do pretérito perfeito (tempo zero do relato histórico, de acordo com Benveniste) e de passivas. E pelos procedimentos de: condensação, acentuação, supressão de informações publicadas pela revista e o acréscimo de outras não veiculadas por VEJA.

A diferença maior observada nos textos publicados nos dois dias após a veiculação da denúncia em VEJA, encontra-se na seleção das retomadas: os textos do dia 30 de outubro de 2005, por exemplo, apresentam repetições condensadas dos “principais temas” tais como: 1) a denúncia; 2) valores que teriam sido doados ao PT; 3) participação dos ex-auxiliares do então ministro Antônio Palocci e declarações de Buratti e Poletto acerca do duvidoso esquema de corrupção; 4) identidade e nacionalidade do responsável pela guarda do dinheiro em Brasília; 5) trajeto dos dólares no Brasil e do onde e do como foram transportados; 6) depoimento de Delúbio Soares, que teria recebido o dinheiro no comitê do partido, em São Paulo; 7) pronunciamento de Palocci. No dia 31 de outubro, há repetições da denúncia ou apenas menção a ela. Ocorrem também reiterações de pequenos trechos do relato inicial, como dos supostos valores envolvidos na operação, da participação dos ex-assessores de Palocci, de parte do discurso de Buratti, e do discurso do ex-ministro da Fazenda sobre a narrativa.

A análise da interação entre os discursos revela a relação entre sujeitos, citante e citado, o jogo, às vezes contraditório, entre a aparente busca de distanciamento e objetividade e a posição do jornalista, a qual lhe escapa, como atos falhos. Na realidade, os textos analisados terminam por afirmar ou reafirmar a posição dos veículos de comunicação.

Conclusão

Bakhtin (1993) e Bakhtin/Voloshinov (1995) elaboraram uma das mais ricas e mais frutíferas abordagens do discurso citado, lugar por excelência da manifestação da alteridade, da interação entre discursos e/ou sujeitos, da dialética da palavra própria e da palavra alheia. Ela deu origem a numerosos estudos, enfocando a heterogeneidade enunciativa e constitutiva, bem como as atitudes dos sujeitos face aos mais diversos discursos.

A crítica dirigida às seqüelas lingüísticas da gramática escolar não caducou: muitos estudos e livros didáticos recentes continuam a ignorar que é por meio tanto dos elementos não marcados quanto dos marcados que os sujeitos apreendem o diálogo de fontes diversas que constituem os textos. E que desvelam os diálogos tensos entre sujeitos que se encontram no espaço discursivo, com seus pontos de vista e seus graus de distância e adesão aos discursos mencionados mais ou menos literalmente.

Os fragmentos analisados apontam que a circulação na mídia tem papel significativo na difusão de discursos e de posicionamento de sujeitos, independentemente do grau de veracidade. Daí a necessidade de se trabalhar no ensino com os fenômenos de circulação (espacial e temporal), uma prática social e intersubjetiva.

ABSTRACT

This paper is a synthesis, albeit not exhaustive, of the studies on reported speech. It claims that the Bakhtinian postulates opened up ways for the reformulation of both a grammatical notion and of a research area, investigated only at the end of the seventies by the French linguistics of enunciation. At present, certain works on language teaching define direct speech, a supposed uptake of the literal form of the original discourse, as an uptake of another enunciation. In the last thirty years, the literature devoted to this topic has analysed the formal, morpho-syntactic, semantic and pragmatic relations between two discourses. Thus, according to the principle of dialogism, all reporting discourse may become reported, in a telescopic-like phenomenon of successive embeddings. Cases of condensation, dispersion, reaccentuation of semantisms and positioning of the enunciators develop from this. The analysis of a corpus, made up of a denunciation published in a national magazine and subsequently republished in the form of newspaper articles, illustrate the theoretical advances of the Bakhtinian proposal. This analysis shows the discourses as circulating and the reported speech as a relational phenomenon. The analysis also points to the possibility of dealing with the phenomenon of discourse circulation within teaching, using schemes of transmission, i.e., direct, indirect and free indirect speech.

KEY WORDS: reported speech; discourse circulation; Bakhtinian theory

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. La représentation du discours autre : un champ multiplement hétérogène. Le discours rapporté dans tous ses états. Lopez Muñoz, Marnette et Rosier (eds). Paris, L'Harmattan, 2004, p. 35-53.
- _____. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, Paris, v.26, p. 91-151, 1982.
- _____. J. Les formes de discours rapporté - Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés. *DRLAV*, Paris, v. 17. p. 1-78. set. 1978
- AUTHIER, J./MEUNIER. A. Exercices de grammaire et discours rapporté. Paris. *Langue française*, v.33, p.41-77, fév. 1977.

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003, 476 p.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução Paulo Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1997, 271 p.
- _____. *Questões de Estética e de Literatura*. 3ª ed. S. Paulo, UNESP / Hucitec, 1993, 439 p.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ª ed. São Paulo, Ed. Hucitec, 1995, 196 p.
- BALLY, C. Le style indirect libre en français moderne. *Germanisch-Romanische Monatsschrift*, v. 6. p. 549-556, 1912.
- BRAIT, B. (org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo, Contexto, 2006, 263p.
- CUNHA, D. A. C. (1992). *Discours rapporté et circulation de la parole*. Leuven/Louvain-la-Neuve : Peeters/Louvain-la-Neuve, 231 p.
- _____. Atividades sobre os usos ou exercícios gramaticais formais? O tratamento do discurso reportado. *O livro didático de língua portuguesa: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2001, p.101-112.
- FARACO, C. A. Interação e linguagem: balanço e perspectiva. Conferência proferida no *Congresso Internacional Linguagem e Interação*, S. Leopoldo, RS, 2005, 17 p.
- FRANÇOIS, F. Dialogisme des « voix » et hétérogénéité constitutive du « sens ». Le « textuel » et l' « extratextuel ». Le quotidien et le « littéraire », communauté et différences d'accentuation chez Volochinov, Bakhtine et Vygotski. Une contribution indirecte à la pédagogie du « texte littéraire ». *Investigações - Lingüística e Teoria Literária*, Recife, UFPE, vol. 19, 2006, p.79-141.
- GARDIN, B. Volochinov ou Bakhtine ? *La pensée*, février, 1978, p. 87-100.
- _____. Discours patronal et discours syndical. *Langages*, v. 41, 1977, p. 13-46.
- GAUVENET, H. (1976) Du discours direct au discours rapporté ou les avatars d'un Énoncé. *Pédagogie du discours rapporté*, Paris, Didier-CREDIF, pp. 9-27.
- MAINGUENEAU, D. (1981) *Approche de l'énonciation en linguistique française*. Paris, Hachette.
- MOIRAND, S. Les indices dialogiques de contextualisation dans la presse ordinaire. *Cahiers de praxématique*, v. 33: p.145-183, 1999.
- PONZIO, A. *La revolución bajtiniana – el pensamiento de Bakhtin y la ideología contemporánea*. Madrid, Ediciones Cátedra. 1998, 253 p.
- ROSIER, L. *Le discours rapporté – histoire, théories, pratiques*. Paris, Bruxelles, Duculot, 1999.

NOTAS

¹ Não discutiremos aqui a questão da autoria. Consideramos com Gardin, Faraco, Sériot, François, entre outros, que todas as obras assinadas por Bakhtin/Voloshinov e Bakhtin/Medvedev não são de Bakhtin, como se acreditou quando foram reeditadas, mas destes dois membros do seu Círculo. A posição destes autores se baseiam nas diferenças epistemológicas entre as obras assinadas individualmente e em co-autoria: Voloshinov e Medvedev se apóiam na teoria marxista, e Bakhtin na fenomenologia. Além disso, Bakhtin nunca confirmou por escrito que ele era o autor dessas últimas. No entanto citamos os autores conforme registrado nas publicações brasileiras.

² Nas primeiras séries do Ensino Fundamental, o propósito é a aquisição da pontuação canônica para marcar o discurso direto das personagens: dois pontos, aspas ou travessão. Não há reflexão sobre os usos feitos pelos alunos na fala. Na realidade, o discurso direto não é estudado como voz que dialoga com outra(s) e produz sentidos no texto, mas como forma.

³ Nas coleções de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental.

⁴ Não discutiremos aqui o lugar que ocupa a teoria de Bakhtin (e do seu Círculo) para a Literatura e outras Ciências Humanas e Sociais. Consideramos com Brait (2006, p.9) que “o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana”.

⁵ Joly (1987, *apud* Rosier, 1999) faz uma distinção entre primeira e segunda lingüística da enunciação. A primeira surge no início do século XX com lingüistas francófonos (Bally, Guillaume, Damourette e Pichon, Brunot). A segunda, cuja paternidade é atribuída a Benveniste, é o renascimento da primeira.

⁶ O foco de interesse aqui não está nos esquemas de transmissão dos discursos, mas na elaboração de uma teoria do discurso no romance e das formas composicionais de introdução e organização do plurilingüismo, no gênero.

⁷ Vale lembrar que a *variante analisadora do conteúdo* do discurso indireto (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995), bastante utilizada nas notícias, retoma o conteúdo temático após análise do sentido em constituintes semânticos. Consideramos também como variantes do discurso indireto as retomadas com expressões do tipo *segundo*, *de acordo com*, *para*, que Authier-Revuz (2004) inclui na categoria “modalização do dizer como discurso segundo”.